

ENTRE REGISTRO E FABULAÇÃO: *LES PRESQUE SŒURS*, DE CLOÉ KORMAN

Laura Barbosa Campos¹
Rayane Martins Lealdino²

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2023.v16.42380>

KORMAN, Cloé. *Les Presque sœurs*. Paris: Seuil, 2022.

Les Presque sœurs [As Quase Irmãs], lançado em 2022 na França, é o quinto romance da escritora francesa de origem judaica Cloé Korman (1983). Em uma narrativa não linear, o livro busca retratar a trajetória de seis meninas judias durante o período da Ocupação nazista na França. Além disso, o leitor acompanha as etapas do próprio processo investigativo da narradora, em um interessante efeito de sobreposição espaço-temporal. Cloé Korman escreve, ao mesmo tempo, sobre uma situação relacionada à sua família, de âmbito privado, e a respeito de um fato coletivo, no sentido de problematizar atrocidades cometidas contra crianças judias francesas cujos pais foram levados para os campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, ou seja, contra os órfãos vitimados pelo nazismo e pelo governo francês colaboracionista de Vichy (1940-1944).

Trata-se de dois trios de irmãs: as Kaminsky e as Korman; essas, como o sobrenome indica, são primas da autora Cloé Korman. As seis meninas, devido à proximidade desenvolvida entre elas, autodenominam-se “quase irmãs”, sintagma presente no título do romance que traz efetivamente a sororidade como noção central da obra, desde o *incipit*, através da personagem Esther, irmã de Cloé. É ela quem desencadeia a investigação, funcionando como transmissora da história familiar rasurada. *Les Presque sœurs* é dedicado à memória das três priminhas assassinadas: Mireille, Jacqueline e Henriette Korman, mas também a Esther, bastião da memória. Nesse sentido, o paratexto da obra reforça e anuncia aquilo que se estabelece de forma bem clara ao longo do texto, a saber, a ideia de sororidade que envolve as seis meninas, a própria Cloé e a irmã Esther.

A narradora empreende uma série de viagens por localidades onde suas primas estiveram. Tal aspecto reflete-se na divisão do enredo, em três partes, recobrando diferentes camadas de leitura: “Montargis”, “Beaune-la-Rolande” e “Paris, banlieue”. Três nomes de lugares que remetem à trajetória das meninas, enviadas a campos de internamento ou “abrigos”

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Rouen, na França. Professora adjunta no Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: laurabcampos9@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7951-709X>.

² Graduanda em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista UERJ do projeto de iniciação científica “Escritas de si na literatura contemporânea de expressão francesa”, no qual desenvolve a pesquisa intitulada “Narrativas de filiação: *Les Presque sœurs*, de Cloé Korman”. E-mail: rayane24@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5804-9272>.

para órfãos (leia-se prisões) até o momento da deportação final. Além disso, os locais remetem aos deslocamentos da própria narradora em seu processo investigativo e apontam para uma geografia do romance marcado pela errância espaço-temporal, fato que faz eco ao êxodo constitutivo do povo judeu.

O processo de investigação de antepassados é característico de uma modalidade autobiográfica contemporânea denominada de “narrativas de filiação” pelo teórico francês Dominique Viart. Trata-se de uma escrita de si na qual o narrador se volta para uma busca da anterioridade como desvio para atingir a interioridade (Viart, 2009). Com frequência, esses textos mobilizam registros como fotografias, cartas, diários, testemunhos e outros arquivos possíveis na tentativa de desvendar questões relacionadas a antepassados, lacunas e traumas da história familiar.

Em *Les Presque sœurs*, todos esses elementos estão presentes. A autora-narradora decide romper o silêncio do evento traumático para que a história “não a mate, não a asfixie, nem a ela e nem a seus filhos”¹ (Korman, 2022, p. 56). Vale dizer que a narradora está grávida durante o processo investigativo, algo que pode ser lido como um fato propulsor do desejo de transmissão da memória familiar. A convivência da família tinha sido, até então, marcada pelo silenciamento sobre a Shoah, apesar de o pai de Cloé, o advogado Charles Korman, ter participado ativamente do processo contra Klaus Barbie² na década de 80. No que tange ao âmbito privado, no entanto, o pai manteve o silêncio.

Cloé visita a casa em Montargis, onde estiveram as meninas sob os cuidados de Madame Mourgue, pois seus pais já haviam sido levados pelas forças antissemitas. Um dia, os militares chegaram para levar as crianças. A bebê Madeleine escapou de ser levada junto com as meninas graças a seu choro, que foi visto como inconveniente e acabou salvando-a. Posteriormente, Madeleine, já idosa, pode mais uma vez usar a sua voz para testemunhar em nome daquelas que não sobreviveram e contribuir para salvá-las do esquecimento.

Os pais das primas de Cloé, Chava e Lysora nasceram na região da atual Polônia. Seus avós puderam fugir para a Suíça durante a Guerra. A correspondência entre os familiares terá um papel relevante para o esclarecimento de situações vivenciadas pelas crianças. Ao chegar em Montargis, em 2019, a autora-narradora recupera histórias da cidade, faz fotografias e descreve lugares. Ela visita o local onde as crianças foram presas e constrói, em vários momentos da diegese, suposições e hipóteses não confirmadas sobre o que teria acontecido em determinadas circunstâncias. Às vezes, portanto, as lacunas são preenchidas pela fabulação, de forma clara e expressa no texto, o que confere um aspecto bastante híbrido ao livro.

Cloé Korman destaca reiteradas vezes a participação ativa do governo francês nas atrocidades cometidas durante a Ocupação, sem poupá-lo de responsabilidades. A autora reforça a importância de se tirar uma lição disso e de transmitir a memória da catástrofe para as novas gerações.

¹ “que jamais elle ne m’égorge ni m’asphyxie, ni moi ni mes enfants”. Tradução nossa.

² Klaus Barbie (1913-1991), também conhecido como o açougueiro de Lyon, foi condenado por crime contra a humanidade, particularmente por organizar a deportação e o assassinato de 44 crianças órfãs judias durante a Ocupação.

A parte intitulada “Beaune-la-Rolande” remete evidentemente ao campo de internamento situado na região de mesmo nome. No local do campo destruído existe agora uma escola agrícola profissionalizante, área em que a dialética passado e presente é reiteradamente destacada. A narradora menciona o filme *Nuit et Brouillard* (1956), de Alain Resnais (1922-2014), no qual pode-se ver o campo e a presença de um policial francês. Essa imagem fora censurada quando o filme foi lançado, pois havia o desejo de dissimular a participação francesa e de se reforçar a falsa ideia de que o campo era comandado exclusivamente por alemães. O livro de Korman contribui para desconstruir essa ideia e mostra também quais testemunhos de sobreviventes atestam o comando francês ali. Os alemães estavam na estação próxima de Pithiviers e recebiam os internos enviados pelas autoridades francesas, encaminhando-os em comboios destinados à Auschwitz.

Atualmente, há um “lugar de memória” em Pithiviers³, com uma lista de nomes dos internos assassinados, dentre eles as integrantes da família Korman. As quase irmãs chegaram ao campo em outubro de 1942, quando ele estava praticamente vazio. Anteriormente funcionaram ali vinte barracões, projetados para 80 pessoas, mas que abrigaram quatrocentas. A tristemente potente indústria da morte nazista precisou de apenas três meses para enviar às câmaras de gás doze mil pessoas - número que inclui os internos do campo vizinho de Pithiviers.

As seis crianças não terão todas o mesmo destino fatal. Depois de diversas tentativas, as irmãs Kaminsky obtiveram sucesso em uma fuga, conseguiram sobreviver e puderam, assim, testemunhar. Já as meninas Korman não tiveram a mesma sorte e foram embarcadas em um dos últimos comboios de judeus enviados a Auschwitz antes do final da Guerra.

Cloé Korman constrói suposições sobre como as meninas viveram o período no campo ou ainda de que forma teriam interagido com as pessoas que por lá estiveram. Quando as crianças estiveram em *Beaune-la-Rolande*, o campo já possuía um número bem mais reduzido de internos, dentre eles outras crianças e alguns artistas que fizeram parte de suas lembranças, como Jeanne Montefiore que escrevia livros infantis e teria contado histórias para as crianças, narrativas cheias de esperança, como relatara a sobrevivente Andrée Kaminsky à autora-narradora.

Na terceira e última parte da publicação, intitulada “Paris, banlieue”, a situação dos “abrigos” infantis é bastante desenvolvida. A narradora destaca que passava por lugares que funcionavam como “lares” (*foyers*) para as crianças órfãs judias durante a Segunda Guerra Mundial sem ter nenhuma consciência desse fato, mostrando o apagamento da catástrofe na paisagem da cidade e a nítida preocupação com a preservação da memória coletiva em *Les Presque sœurs*, inclusive no que tange aos registros da memória urbana.

Apesar do livro de Cloé Korman se apoiar amplamente em documentos oficiais, tais como depoimentos e pesquisas de arquivos públicos e privados para tentar retratar a trajetória e o horror do genocídio de crianças judias, uma das potências da escrita de Korman diz respeito ao fato de a escritora compartilhar também suas incertezas, lacunas e suposições com o leitor,

³ CERCIL- Musée Mémorial des enfants du Vél d’Hiv: centro que reúne as histórias dos campos de internamento da região do Loiret durante a Segunda Guerra Mundial (Beaune-la-Rolande, Pithiviers e Jargeau). Mais informações em <https://www.musee-memorial-cercil.fr/>.

integrando fabulação e um certo imaginário de histórias infantis que pode ser lido como uma homenagem às priminhas.

Les Presque sœurs é muito mais do que um livro sobre a Shoah: trata-se de uma bela narrativa de filiação que mobiliza o universo infantil e faz uma reflexão sobre transmissão intergeracional. Se, por um lado, o livro foi muito bem acolhido pela crítica especializada francesa, tendo sido um dos quatros romances finalistas do prestigiado prêmio *Goncourt* em 2022, por outro lado, recebeu uma recepção problemática pelas irmãs sobreviventes, que contestaram o aspecto romanesco envolvendo uma narrativa da Shoah. Entre registro histórico e fabulação, a própria polêmica criada pela obra já justificaria a leitura.

Referências

CERCIL. Musée Mémorial des enfants du Vél d'Hiv. 2011. Página inicial. Disponível em: <https://www.musee-memorial-cercil.fr/>. Acesso em: 15 out. 2023.

NUIT et Brouillard. Direção: Alain Resnais. Produção: Anatole Dauman, 1956. 32min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tij8A83EnqU&ab_channel=SabaFilms. Acesso em: 15 out. 2023.

VIART, Dominique; MERCIER, Bruno. *La littérature française au présent: héritage, modernité, mutations*. Paris: Bordas, 2009.

Data de submissão: 02/10/2023

Data de aceite: 26/11/2023